POR UMA ESTÉTICA COMO RESISTÊNCIA:CIRURGIAS PLÁSTICAS OU MENOS-PAUSA.

FÁBIO LUIZ RODRIGUES *- Psicólogo formado pela UTP – Universidade Tuiuti do Paraná. Mestrando em Psicologia Clínica (PUC-Rio). Pesquisador do Núcleo de Doenças da Beleza do LIPIS (PUC-Rio). Formação em Psicanálise – Associação Psicanalítica de Curitiba.*

JOANA DE VILHENA NOVAES *- Coordenadora do Núcleo de Doenças da Beleza do LIPIS (PUC-Rio). Pós-doutoranda em Clínica Médica (UERJ). Pós-Doutora em Psicologia Social (UERJ). Dutora em Psicologia Clínica (PUC-Rio). Pesquisadora do Bio-Vasc UERJ Pesquisadora correspondente do Centre de Recherches Psychanalyse et Médecine - CRPM-Pandora. Université Denis-Diderot, Paris VII. Autora dos livros: O intolerável peso da feiúra: sobre as mulheres e seus corpos. PUC/Garamond (2006) e Com que corpo eu vou? Sociabilidade e usos do corpo nas mulheres das classes altas e populares. PUC/Pallas (2010). www.joanadevilhenanovaes.com.br e-mail: joanavnovaes@gmail.com*

RESUMO: Esse artigo se propõe a pensar acerca das mulheres que, após terem exercido a função procriadora, parecem reencontrar na busca por um corpo mais jovem e mais atraente, através das cirurgias estéticas, uma nova erótica feminina. Assim, é interessante pensar linhas de fuga que possam contribuir para a construção de uma concepção da feminilidade para além da maternidade e da resposta a certa demanda cultural por determinado tipo de beleza.

PALAVRAS CHAVE: Cirurgia plástica; envelhecimento; sexualidade feminina

TOWARDS AN AESTHETIC AS RESISTANCE: PLASTIC SURGERY AND MENOPAUSE

ABSTRACT: This article has as its purpose to think about women that, after giving birth, seem to meet again, when looking for a younger and more attractive body, through aesthetic surgeries, a new feminine erotic. Henceforth, it is interesting to think in escape lines that may contribute to building a concept of femininity beyond maternity and the response to a certain cultural demand for a specific type of beauty.

Key-words: Plastic surgery, aging; female sexuality

"Um fiz um acordo de coexistência com o tempo: nem ele me persegue, nem eu fujo dele, um dia a gente se encontra no calcanhar da vida" Mário Lago.

INTRODUÇÃO:

"Mulher na menopausa vira homem!" Nesse provérbio encontra-se a ideia, ao

menos no Brasil, comumente relatada por mulheres, que ao entrarem na menopausa dizem sentirem um vazio no corpo, como se o mesmo fosse oco. No mundo contemporâneo a feminilidade ocupa espaços distintos da maternidade, contudo, não seria errôneo afirmar que esta ainda pareça ser uma das funções organizadoras desta categoria.

Momento do ciclo vital feminino em que cessa a atividade reprodutora, cremos ser a menopausa uma boa linha divisória para pensarmos a feminilidade em sua relação com a aparência física. Nos mesmos moldes, um exemplo dessa divisão aparece, também, no discurso de mulheres em idade avançada que procuram por uma cirurgia plástica. Em um serviço de escuta psicológica pré-operatória, em uma clínica de cirurgia estética, é lugar comum a associação entre a maternidade, com sua decorrente transformação corporal, e a feminilidade. Para essas mulheres, naquele lugar, a feminilidade em estreita ligação com a maternidade revela-se no seguinte enunciado: "*agora que eu já tive meus filhos vou cuidar de mim, do meu corpo*".

Esse artigo se propõe a pensar acerca das mulheres que, somente após terem exercido a função procriadora, parecem reencontrar na busca por um corpo mais jovem e mais atraente, através das cirurgias estéticas, uma nova erótica feminina. Sendo assim, é interessante pensar linhas de fuga que possam contribuir para a construção de uma concepção da feminilidade para além da maternidade e da resposta a certa demanda cultural por determinado tipo de beleza.

Não estamos aqui desconstruindo a associação entre feminilidade e maternidade, mas sim afirmando o projeto de pensar outra possibilidade de leitura a partir dessas duas esferas. Em outras palavras, poderíamos nos indagar: como pensar aquela nova erótica feminina desvinculada da função procriadora inerente ao corpo da mulher? Estaríamos diante de um paradoxo? Pois, se a função procriadora é reguladora da feminilidade como afirmar outra feminilidade desvinculada de uma das funções que justamente organiza o feminino?

Se por um lado, a menopausa ainda é pensada culturalmente como um momento em que a feminilidade tenderia a desaparecer, por outro, o recurso às cirurgias estéticas

dão indícios de fazê-la reaparecer no horizonte do corpo feminino. No entanto, esse tipo de procedimento cirúrgico parece estar ainda única e exclusivamente associado a uma resposta à demanda dos padrões de beleza vigente no campo da cultura. Basta folhearmos qualquer semanário feminino para percebermos tal associação como predominante na forma de leitura para tal fato.

Reza a lenda que a mulher brasileira não fica velha -, fica loura. Temos notícia que o Brasil tornou-se campeão nas cirurgias plásticas de cunho estético e que o botox e os preenchimentos para rugas já fazem parte da rotina 'de asseio' de um imenso contingente de mulheres.

Instrumento de autonomia do indivíduo em relação ao próprio corpo. Agir para alcançar felicidade e harmonia. Fim do sofrimento de não possuir o corpo desejado. Alívio do sofrimento causado pela auto-imposição de padrões sociais de aparência. Solução dos problemas de baixa auto-estima. Tecnologia a favor das tecnologias do self. Alívio para o sofrimento internalizado de não corresponder às expectativas corporais ideais da sociedade. Estas são afirmações contraditórias entre si, mas cada uma é, em si, plausível para definir a cirurgia plástica (Gonçalves,2001 p.78).

De acordo com Gilman, uma nova subjetividade vai se delineando e, através dela, torna-se possível formular a seguinte pergunta: Conviver com o defeito ou mudá-lo? (1995, p.45).

Partindo do pressuposto de que o corpo é ao mesmo tempo, produto de uma construção social e de uma construção dele mesmo (Pollack,1990), podemos compreender a cirurgia plástica como uma forma do indivíduo ir forjando, através de suas transformações corporais, novos contornos para a construção de sua imagem corporal, e, quem sabe, de uma nova identidade?

O que se delineia no horizonte contemporâneo parece ser uma transição composta de dois momentos: primeiro, o abandono, por parte das mulheres, dos papéis que lhes foram impostos através dos tempos, e segundo, um novo lugar a ser conquistado por elas, mas que não esteja mais associado a uma resposta ao desejo do

outro, simplesmente como nova roupagem para sua antiga posição a que foram impostas.

O mote "*agora que eu já tive meus filhos vou cuidar de mim, do meu corpo*" revela uma lógica óbvia ilustrada por outra frase recorrente, no serviço de psicologia anteriormente mencionado, ou seja, "*não vou levantar os seios, fazer o abdome para depois ter filho novamente*". Nada mais justo! É evidente que a gestação transforma o corpo da mulher. No entanto, não tão evidente é o fato de que, após a gestação e uma cirurgia estética para "resgatar" os contornos de seu corpo, a mulher mesma ainda encontre lugar, ao lado de sua nova função - a de mãe - à sua feminilidade.

Vale lembrar que, dentre a miríade de elaborados motivos como justificativa para certas mulheres optarem por uma cirurgia estética, o envelhecimento associado à maternidade parece ser o mote principal que leva grande parte delas quererem se transformar. Nesse mote, há, pelo menos, dois grandes grupos de práticas discursivas que parecem vigorar no discurso dessas mulheres.

O primeiro deles diz respeito àquelas que, já familiarizadas com uma primeira cirurgia estética ou mais de uma, alegam que esse tipo de procedimento cirúrgico lhes proporcionará muito mais do que "promete" a transformação corporal em si. Nesse discurso comumente se verificam expectativas bastante elevadas, a respeito do resultado da cirurgia, como resposta à demanda de determinado padrão de beleza.

Se por um lado, sabemos da histórica associação entre mulher, beleza e fecundidade (Remaury 2000), interessa-nos, neste momento, discutir esta relação com o envelhecimento. Em extensa pesquisa realizada em academias de ginástica, consultórios e clínicas de cirurgia plástica, investigou-se qual a representação social da feiúra (Novaes 2006). Segundo a autora duas características apresentavam-se como constantes na busca de um corpo perfeito: manter-se magra e jovem. Gordura e velhice eram, nas falas das entrevistadas, características que se não pudessem ser totalmente eliminadas deveriam, pelo menos ser atenuadas ao máximo. Inúmeras eram as falas que apontavam a busca pelas cirurgias como uma forma de buscar apagar *"os deselegantes traços do envelhecimento"*. (Novaes, 2008)

Voltemos, contudo, às práticas discursivas mencionadas. O segundo grupo é representado por mulheres que concebem uma cirurgia como um recurso estético que não lhes trará muito mais do que conforto físico, porém, aliado ao resgate de significações acerca da feminilidade que parecem ter se perdido, com os anos, na deformidade de seus corpos. Nesse segundo grupo as mulheres parecem ter elaborado "um sentido, cuidado sobre si e para si" que não condiz mais com a materialidade de seus corpos ou com o desejo de encontrar "a forma exata". No entanto, é a partir desse cuidado mesmo que procuram por uma cirurgia estética. A citação abaixo legitima nossa afirmação:

> "Não existe mais mulher feia… a mulher inteligente quer, de verdade, poder tornar-se, pelo menos, bonita… **Até aonde ela irá depende apenas dela…** Nos tempos atuais, é imperdoável que a gravidez faça com que a mulher perca a sua silhueta… A mulher deve ter um belo corpo para mostrar após os filhos estarem criados". (Helena Rubinstein, apud Rouet, 1978, p.22 – grifo nosso).

Ao mesmo tempo que o discurso acima traz a marca da regulação social entorno do corpo, bem como o cumprimento de certos ditames estéticos, aponta também para autonomia que a mulher tem em relação às mudanças que deseja implementar na própria anatomia.

No primeiro grupo, pertencente ao serviço de escuta psicológica, a cirurgia parece funcionar de forma inversa, ou seja, parece ser o procedimento cirúrgico em si que lhes devolverá o sentido que procuram para os seus corpos. Costuma-se fazer, então, um apelo ao discurso médico para dar sentido ao (seu) desconforto psíquico.

Como não acreditamos na submissão total do sujeito aos dispositivos culturais, gostaríamos de enfatizar o que percebemos como resistência do sujeito feminino nesta busca pela melhoria estética. Ou seja, os aspectos positivos da procura por uma aparência melhor em suas diferentes dimensões. Para tal, nos apoiaremos mais uma vez na pesquisa de Novaes (op.cit): *"Sou uma pessoa sexual e plastificada. Depois que tive e amamentei os meus dois filhos, meu corpo tava uma..... e meus seios caídos. Fiz*

porque estava me atrapalhando transar" (Novaes, 2006, p. 214)

Aprisionadas durante séculos no lugar da mãe, da santa e da esposa, podemos observar nesta busca uma nova erótica feminina, onde a menopausa pode significar uma ruptura com a associação mulher/atividade reprodutiva (Vilhena & Novaes, 2009a).

Esta perspectiva busca entender as práticas corporais de manutenção da boa aparência, como uma aliada na afirmação da sexualidade das mulheres de meia idade.

Isso posto, para pensar as considerações até aqui levantadas, deve-se considerar esse corpo no campo da cultura em relação à estruturação psíquica que faz casa no corpo biológico, pois não há como pensar o sujeito como mero efeito da cultura, sem uma análise mais aprofundada do interjogo corpo simbólico/corpo pulsional (p. 89).

A HISTERIA DATADA:

Sabemos que, no final do século XIX, a mulher freudiana participa de um lugar na sociedade vienense e européia que não irá além do seu lugar de mãe, no seio de sua família. Sohn (2008) assinala que será no século XX, no período entre as duas grandes guerras, que a sexualidade será dissociada da reprodução. Coito interrompido, o preservativo, ainda que em baixa escala, o diafragma, cremes espermicidas e calendários menstruais serão alguns dos métodos contraceptivos conhecidos na primeira metade do século XX.

No entanto, a referida autora lembra que *"é principalmente com o abortamento que as mulheres resgatam a iniciativa de se pensar a sexualidade desvinculada da maternidade"* (Sohn, 2008, p. 137). O próximo passo viria com a pílula que beneficiou em primeiro lugar às mulheres, lhes permitindo viver a sexualidade sem medo e de maneira mais gratificante.

O discurso patriarcal irá definir posições a serem ocupadas pelas mulheres na sociedade e Freud não escapará do sotaque daquele discurso. Nesse sentido, se por um lado Freud consegue promover, digamos, um corte epistemológico para a noção de corpo e sexualidade até então, por outro, ele mesmo sofrerá pesada influência do *zeitgeist* na construção de sua teoria, iniciada no final do século XIX.

Naquela época, com seus questionamentos em relação às mulheres, Freud, já no final de sua produção acadêmica, diante da castração imaginária fundada a partir da diferença sexual, apresenta como solução para a questão da feminilidade a equação simbólica em que o falo poderá ser facilmente cambiado, no inconsciente, pelo termo filho. Nessa equação teremos, então, a direta associação entre feminilidade e maternidade.

Se a dominação masculina, por um lado, na segunda metade do século XX, ainda vigorava de forma significativa, por outro, a dissociação entre a sexualidade e reprodução, na mesma época, parece dar indícios de pôr forçosamente à derrocada da dominação masculina sobre o corpo da mulher.

Na associação entre feminilidade e maternidade, ao mesmo tempo em que a maternidade proporciona uma plenitude do sujeito feminino, como se verifica mesmo em nossa clínica cotidiana, a função materna parece dissociar de si um campo de significação referente à feminilidade. É fato que, com a gestação, o corpo da mulher sofre transformações, e algumas mulheres relatam não se sentirem desejadas, já que os seios, com a amamentação, murcham, o abdome e o culote ganham tamanho, isso só para citar as queixas mais freqüentes!

A afirmação acima é tão verdadeira que esse tipo de cirurgia é um recurso tecnológico de ponta que vem reafirmar os laços entre a beleza e a mulher, e nos dias atuais se propõe a incluir até mesmo as novas mamães. Quando nem mesmo uma recente gestação parece justificar marcas corporais indesejáveis, as cirurgias plásticas já podem ser vendidas em pacotes nos EUA e na Inglaterra, por exemplo. Conhecidas como *"mommy makeover"* ou *"mommy job"*, prometem levantar os seios, definir o abdome e acabar com as gordurinhas, apagando de vez qualquer vestígio inaceitável (Brazão, M., Novaes, J.V. & Vilhena, J., 2010).

Os referidos pacotes podem conferir um sentimento de pertença a um ideal de beleza em voga na cultura. Tal pertencimento garantiria a essas mulheres sua feminilidade? Ou ainda, poderia esse tipo de prática inibir a possibilidade de forjar um determinado tipo de subjetividade, ou ainda, uma reorganização psíquica a partir dessas

mesmas marcas deixadas pela gestação? Como funcionariam tais articulações para mulheres que já atravessaram uma gestação e a menopausa.

A incidência cada vez mais alta das chamadas cirurgias íntimas de cunho estético é uma possível resposta à indagação de como as mulheres, nessa faixa etária (40-60), indicam estar delineando uma outra função/lugar social quando a maternidade/fecundidade indicam já terem sido cumpridas. (Vilhena & Novaes,2009b)

Tratando de tema da feminilidade e da mulher, quanto mais avançamos, mais questionamentos surgem e respostas para tais estão lá, mesmo, no corpo da mulher. Isso posto, qual seria a relação existente entre a estética como promoção da feminilidade, sem reportar essa última à maternidade? Qual seria a relação existente entre mulheres em idade mais avançada, que procuraram por uma cirurgia estética, e a feminilidade desvinculada da função procriadora que o corpo feminino porta? Seria somente a mulher que opta por não ter filhos um profícuo campo de pesquisa para pensar a questão da feminilidade desconectada da maternidade? Essa indagação levanta uma questão: como pensar a erótica feminina a parte de sua função de procriação, nas mulheres que são mães biológicas e alcançaram a menopausa?

Não se trata de condenar ou banir do horizonte feminino as cirurgias plásticas, os tratamentos rejuvenescedores ou as reposições hormonais. Certamente eles podem nos trazer grandes benefícios e muito prazer. Contudo, restringir o inexorável do envelhecimento a um puro "desequilíbrio hormonal", equiparando-o a uma doença ou a uma questão meramente estética é repetir uma fórmula de controle sobre a mulher, presente na modernidade, que amordaça a singularidade da produção de sentido.

A representação psíquica do corpo feminino durante os ciclos biológicos, e seu lugar na constituição das posições subjetivas acessíveis às mulheres na contemporaneidade não podem ser deixados de lado, como bem aponta Furtado (2000). Da mesma forma, não podemos nos esquecer da relação entre a feminilidade e a maternidade e a importância do recalque da sensorialidade primária na configuração da subjetividade feminina hoje.

Inequivocamente é legitimo pensarmos que no mundo contemporâneo a feminilidade pode ocupar outros espaços distintos da maternidade -, contudo, não acreditamos que seja errôneo afirmar que esta ainda pareça ser uma das funções organizadoras desta categoria. Por esta razão, cremos ser a menopausa, momento do ciclo vital feminino em que cessa a atividade reprodutora, uma boa linha divisória para pensarmos a feminilidade em sua relação com a aparência física.

Entretanto, no imaginário social, a menopausa ainda é pensada como um momento em que a feminilidade tenderia a desaparecer, na medida em que finaliza a possibilidade reprodutora sem o apelo a métodos artificiais de geração de novas vidas humanas. É neste sentido que vemos como resistência esta busca por um novo corpo.

Assim, encontrar caminhos para que esse corpo não perca o seu caráter libidinal parece ser um projeto interessante que afirmará, simultaneamente, o seu estatuto de corpo desejante. Assumindo uma nova posição, a maturidade vai permitir a essa mulher a busca de um novo lugar de prazer, em que um corpo mais agradável tanto ao seu próprio olhar como ao olhar do outro lhe permitirá viver mais libertamente a sexualidade que, tradicionalmente, lhe foi negada. Daí pensarmos em termos de resistência.

Furtado (op.cit), ao dissertar sobre a menopausa e suas implicações psíquicas, trabalha com a hipótese de que os ciclos biológicos femininos promovem "*uma rearticulação das marcas sensoriais, constitutivas das imagens corporais*" (Furtado, 2000, pp. 30). A autora, em seus estudos, confirma sua hipótese e salienta "*que não houve diferença significativa nos depoimentos das mulheres que foram mães ou não em relação às experiências de possuir um corpo feminino e de vivenciar a menopausa*" (pp. 31). Por fim, Furtado nos lembra que um dos pontos fortes de sua pesquisa foi constatar que, com a menopausa, a libido feminina que antes era dirigida à maternidade, irá se deslocar para os cuidados com o corpo.

Neste cenário, o corpo feminino torna-se um corpo em transição. Contudo, para que este corpo possa efetuar esta passagem do corpo-mãe, para um novo corpo erótico, é necessário um trabalho de elaboração do luto deste corpo-mãe. (Vilhena, Medeiros

&Novaes, 2005)

CONCLUSÃO:

O “cuidar de si”, em se tratando das mulheres, é o testemunho de uma história que, tudo indica, será refeita com o aceno da menopausa no horizonte do corpo feminino. Laznik (2007) ao articular ideias sobre o fluxo menstrual como perda, com ginecologistas e outras analistas que pensam o tema lembra que:

> “...a psicanalista Pascale Bellot-Fourcade (2004) ousou formular a menopausa em termos de despersonalização. Este termo me parece resumir perfeitamente este momento. Vejamos como. A menopausa, segundo a ginecologista Michelle Lachowsky (1999), é a “perda do ritmo que assinala a pertença ao gênero feminino, perda da fecundidade que assinala a pertença à linhagem das mães”. Ela acrescenta: a menopausa, de saída, deixa a mulher “sem documentos, sem este passaporte que era sua juventude, como estes corolários, beleza e esbelteza” (p.,81). Com a perda do ritmo das regras e da possibilidade de ser mãe, são seus documentos de identidade de mulher, e de mãe, que lhe são retirados. Trata-se aí, parece-me, do registro propriamente simbólico desta despersonalização” (Laznik, 2007, p.53).

A despersonalização, que Laznik (2007) aponta em seu texto, nos chama a atenção para a perda de algumas insígnias femininas e dentre essas, a beleza, o frescor. Nesse sentido, no horizonte lá estão os cuidados corporais a resgatar significações para uma mulher e para seu corpo. Corroboramos com Birman (2006) ao apontar para a importância de um desejo de resistência, com licença à espinhosa oposição entre resistência e desejo, sob uma perspectiva psicanalítica, mas bem mais afinado à luz foucaultiana dos processos de subjetivação.

Assim, com o autor podemos pensar tal desejo de resistência, como desejo partícipe daquele segundo grupo de mulheres que apontamos aqui, aquelas que

procuram “um sentido, cuidado sobre si e para si”; em outras palavras, e como citamos anteriormente, a busca por um prazer com seu próprio corpo e sua estética particular que não responde mais a determinada demanda mercadológica.

Acreditamos que essa resistência esteja próxima daquilo que entendemos por liberdade. Nesse sentido, Birman (2006) afirma que é preciso lembrar que esse desejo está nas “vozes mais diversas [que] afirmam de maneira eloquente a liberdade de resistir. Nessa afirmação, a liberdade assume a posição crucial de valor supremo” (Birman, 2006, p. 319). Ora, nesse desejo, mulheres maduras que atravessaram a menopausa e resistiram, e estão aí, retratam sua beleza, que vem de outro lugar e que combina mais com a ideia de um corpo elegante, de valor supremo, com menos pausas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIRMAN, J. Arquivos do mal-estar e da resistência. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2006.

BRAZÃO, M. NOVAES, J.V, VILHENA, J. Quem quer ficar na barriga da mamãe? Sobre gestação em tempos de culto ao corpo. Revista Polêmica 9 (4) PP 43-57, 2010.

http://www.polemica.uerj.br/ojs/index.php/polemica/article/view/66/117. Acesso em 17/01/2011

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933 [1932]). Conferência XXXIII – Feminilidade, vol XXII

---------- Algumas conseqüências da distinção anatômica entre os sexos, 1925 – Volume XIX

---------- Sexualidade feminina, 1931 – Volume, XXI

GONÇALVES, I. Cortes e Costuras: Um estudo antropológico da cirurgia plástica no Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado, PPGAS/UFRJ, 2001.

FURTADO, A M. Um corpo que pede sentido: um estudo psicanalítico sobre mulheres na menopausa. In: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, IV, 3, 27-

37, 2001.

LAZNIK, M.C. *O fluxo menstrual relido a partir de sua perda*. In: Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba. nº 14, 2007, p. 49-68.

NOVAES, J.V. *Com que corpo eu vou?Sociabilidade e usos do corpo nas mulheres das camadas altas e populares*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Pallas, 2010.

NOVAES, J.V. *O intolerável peso da feiúra. Sobre as mulheres e seus corpos.* Ed. PUC/Garamond (2006).

POLLAK, M. *L`experience concentracionnaire: essai sur le maintien de L`ìdentité sociale*. Paris. Mire, 1990.

ROUET, M. *L`esthétique Corporel*. Paris. Editions Dangles, 1978.

SOHN, A.M. *O corpo sexuado*. In: CORBIN, A., COURTINE, J.-J; VIGARELLO, G. *História do Corpo 3***.** As mutações do olhar*: O século XX***.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VILHENA, J. & NOVAES, J.V. *Un corps à la recherche d'un logement. Corps, violence et médecin.*In : MASSON, C. & DESPRAT-PEQUIGNOT.C (orgs) Le Corps Contemporain : Creations et Faits de Culture. Paris, L´Harmatan. pp – 113-136. 2009a

---------- *O corpo e suas narrativas. Culto ao corpo e envelhecimento feminino.* In: Revista Psychologica. N. 50. Coimbra. Portugal. PP 85-96. 2009b

VILHENA, J., MEDEIROS, S. & NOVAES, J. V. *A violência da imagem. Estética, feminino e contemporaneidade.* In: Revista Mal Estar e Subjetividade. Vol.V.N.1.Fortaleza.UNIFOR, pp.109 - 144, 2005.

http://www.unifor.br/notitia/file/797.pdf

Recebido: 09/06/2011

Aceito em 24/07/2011